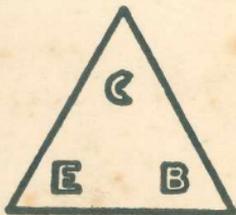


CASSIANO NUNES

O LUSITANISMO  
DE  
EÇA DE QUEIROZ

(PRÊMIO "ANTÔNIO POUSADA")

18



RIO DE JANEIRO  
1947

O LUSITANISMO  
DE  
EÇA DE QUEIROZ

# EDIÇÕES DA C. E. B.

## ENSAIOS:

- Gordos e Magros** — José Lins do Rego — 1942 — Cr\$ 15,00.  
**A Cinza do Purgatório** — Otto Maria Carpeaux — 1942 —  
Broc. Cr\$ 12,00 — Enc. Cr\$ 20,00.  
**Ensaio do Nosso Tempo** — Otávio de Freitas Júnior — 1943 —  
Cr\$ 6,00.  
**Origens e Fins** — Otto Maria Carpeaux — 1943 — Broc. Cr\$ 15,00  
— Enc. Cr\$ 23,00.  
**Interpretações** — Astrojildo Pereira — 1944 — Cr\$ 20,00.  
**Mundo Livre** — Ademar Vidal — 1945 — Cr\$ 18,00.  
**Sombras no Túnel** — Osório Borba — 1946 — Cr\$ 20,00.

## HISTÓRIA:

- Miniatura de História da Música** — Guilherme Figueiredo —  
1942 — Cr\$ 20,00.  
**Mais um Crime do Fascismo** — Elisa Larenas Canella — 1943  
— Cr\$ 20,00.

## COLEÇÃO CIENTÍFICA:

- Alimentação do Povo em Tempo de Guerra** — John Orr e David  
Lubbock — 1944 — Cr\$ 10,00.

## COLEÇÃO ESTUDOS BRASILEIROS DA C. E. B.:

- Problemas Brasileiros de Antropologia** — Gilberto Freyre —  
1943 — Cr\$ 15,00.  
**Introdução à Antropologia Brasileira** — (1º vol.) — Arthur  
Ramos — 1943 — Broc. Cr\$ 50,00 — Enc. Cr\$ 60,00 — (2º  
vol.) — Broc. Cr\$ 120,00 — Enc. Cr\$ 150,00.  
**Gilberto Freyre** — Diogo de Melo Meneses — 1944 — Cr\$ 25,00.  
**Monções** — Sergio Buarque de Holanda — 1945 — Cr\$ 25,00.  
**Apresentação da Poesia Brasileira** — Manuel Bandeira — 1946  
— Cr\$ 45,00.

—○—  
**Atendemos pelo "Serviço de Reembolso Postal"**

CASSIANO NUNES

# O LUSITANISMO

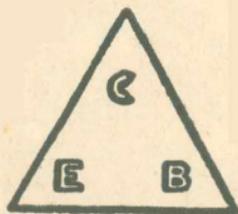
DE

# EÇA DE QUEIROZ

( E N S A I O )

Prêmio «Antônio Augusto Pousada», que o instituiu, concedido pela Associação Brasileira de Escritores (seção de São Paulo), em comemoração da passagem do centenário do nascimento do escritor José Maria d'EÇA DE QUEIROZ.

18



RIO DE JANEIRO

1947

# EDIÇÕES DA C. E. B.

## CONFERÊNCIAS E ENSAIOS:

### Série Mauá:

- Uma Cultura Ameaçada: a luso-brasileira — Gilberto Freyre — 1942 — (2ª edição) — Cr\$ 5,00.
- Continente e Ilha — Gilberto Freyre — 1943 — Cr\$ 4,00.
- Pedro Américo — José Lins do Rego — 1943 — Cr\$ 3,00.
- José Bonifácio Cientista, Professor e Técnico — Elysiario Tavora Filho — 1944 — Cr\$ 3,00.
- Dois Meses entre os Americanos — Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça — 1944 — Cr\$ 3,00.
- Grandeza Humana e Heroísmo da Inglaterra — Paschoal Carlos Magno — 1944 — Cr\$ 5,00.
- Conferências no Prata — José Lins do Rego — 1946 — Cr\$ 10,00.
- O Lusitanismo de Eça de Queiroz — Cassiano Nunes — 1947 — Cr\$ 8,00.



**LIVRARIA-EDITORA  
DA  
CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL**

Escritório

LARGO DA CARIÓCA, 11

Tel. 42-2741

Livraria

AV. RIO BRANCO, 120 -- Loja 13

Tel. 42-1346

**RIO DE JANEIRO**

**A MEUS PAIS,**

**criaturas humildes mas valorosas, com  
quem aprendi a amar as coisas  
portuguêsas.**

O LUSITANISMO DE EÇA DE  
QUEIROZ



## PREÂMBULO NECESSÁRIO

Escreveu Rainer Maria Rilke com muito senso da verdade que a glória de um homem não passa de um encadeamento de equívocos e de mal-entendidos em torno do seu nome, pois quase sempre a superficialidade das multidões guarda preferivelmente dos grandes vultos humanos o que êles tiveram de mais exterior e anedótico, e não o que possuíram de mais autêntico e profundo. Infelizmente, Eça de Queiroz, cujo primeiro centenário de nascimento comemoramos agora, ficou mais na lembrança geral pelo seu monóculo e pelas suas blagues, do que pelo que nêle havia de

mais valioso, e entretanto ainda quase ignorado: a sua sinceridade, a sua ternura pela sua terra, o seu sentimento do mundo e a sua dignidade humana e literária. Acrescente-se a essa desvantagem sofrida por todos os homens de gênio a campanha de difamação organizada por seus inimigos particulares e pelos inimigos do Progresso, e, nestes últimos anos, um trabalho sutil de enredamento e de confusão, muito característico do fascismo — inventor moderno de problemas raciais, conflitos religiosos, etc., que nascem com aparência inocente e cultural, mas não passam em verdade de tenebrosas bombas de Hitler. Assim, em Portugal, não faltou já quem retratasse o fino idealizador de Fradique com um ar totalitário...

Através dos tempos, Eça de Queiroz tem despertado as mais enternecedoras admirações e os ódios mais concentrados e inflexíveis. No seu belo livro sobre o “pobre homem da Póvoa do Varzim”,

Clóvis Ramalhete dedicou um capítulo inteiro ao “culto a Eça de Queiroz”, um dos mais encantadores e marcantes acontecimentos da vida literária de Portugal e do Brasil. Em Portugal, já durante a vida de Eça — segundo narrou Alberto de Oliveira (o português) — a mocidade idolatrava o autor de *O Primo Basílio*, invejava-lhe as viagens, os paradoxos, os conhecimentos aristocráticos, e seguia os seus padrões de cultura e os seus modelos de elegância. No Brasil, a admiração fervorosa pelo esteta das *Últimas Páginas* era verdadeiramente tocante. Chegava a ser um êxtase, uma mania. Eça não era apenas lido ou citado, mas até decorado. Um dos seus admiradores — segundo Martins Fontes, grande conhecedor de Eça como tóda a sua geração literária, e autor de excelente conferência sôbre êsse escritor — enlouqueceu tentando decorar *Os Maias*. No inóspito Mato Grosso, “um fanático admirador” (assim se assinava), encontrou

um erro em *A Relíquia* e escreveu ao Mestre, residente então em Paris, uma carta respeitosa, com a comunicação. Os nomes dos seus personagens eram lembrados nas conversas como pessoas de carne e osso e do conhecimento geral. Tornaram-se símbolos, passaram a ser alcunhas, comparações, substantivos comuns. Ainda hoje o entusiasmo por Eça é muito forte em nosso país. A sua influência ou o valor da sua lição são constantemente confessados pelos escritores modernos do Brasil: Marques Rebelo, por exemplo, que chegou a dar ao seu filho o nome de José Maria em homenagem a Eça de Queiroz. No *Bangüê*, José Lins do Rêgo sugeriu mesmo a semelhança do seu tipo, o velho senhor de engenho, com o nobre Afonso da Maia, de Eça. E os constantes estudos sobre Eça, publicados no Brasil, em livros, revistas e jornais, provam a permanência, a atualidade e contemporaneidade indeclinável de Eça de Queiroz em nossa

terra. Porém se grande e dedicado é o número de admiradores, muitos e persistentes são também os detratores. Acompanharam-lhe sempre o itinerário terreno, e ainda hoje, graças à persistência do reacionarismo repelente, mantêm-se vivos, espertos, fecundos em expedientes. Mesmo homens de valor, como o nosso probo Machado de Assis, atiravam-lhe o seu aleive. . . De grade valor literário era também sem dúvida Fialho de Almeida, porém foi baixo no seu ódio, nojento na sua inveja. Vestiu-se afrontosamente de branco no dia do sepultamento de Eça, e muito feliz com a morte daquele homem glorioso e reto, que sempre o admirara e respeitara, foi dizer gracinhas na Avenida. Atitude indigna até para um badameco e muito mais ainda para um literato já famoso na época. Fialho acusou Eça de antipatriota e de imoral, açulando as iras dos patrioteiros e dos moralistas de paróquia, embora tivesse escrito contra Portugal acusações

bem mais ofensivas, e se encontre em sua obra uma simpatia pela escabrosidade sexual que faltou ao cristianíssimo biógrafo de São Cristóvão. Os patrioteiros, como o ridículo Pinheiro Chagas e o carcomido Bulhão Pato, não perdiam ensêjo para atacar Eça. O primeiro procurou esbordoá-lo com folhetins de gelatina, e o segundo atirou-lhe uns alexandrinos tôrpes e desengonçados, verdadeiro diagnóstico de cretinice e de consunção. Os classicomaníacos remoíam velhas árias nos seus realejos. Insistiam no francesismo estilístico de Eça, na sua falta de pureza clássica, na sua pobreza vocabular — acusações que o próprio Eça teve ocasião de desfazer com muita felicidade. E ainda hoje, na miserável literatura didática brasileira, vêem-se compendios de fundo nítidamente reacionário, que lhe acusam os livros de “pornográficos”.

As sementes das calúnias de Fialho, Pinheiro Chagas e outros literatos des-

peitados, carunchosos, ou ávidos de agradecer ao nacionalismo ofendido de uma sociedade decrépita, ignara e imoral, estupidamente retratada por Eça com traços fortes, quase brutais, encontraram campo propício para que brotasse sem mais demora uma campanha anti-eciana. A maravilhosa estátua de Eça de Queiroz em Lisboa, obra do glorioso escultor português Teixeira Lopes, foi apedrejada pela plebe enfurecida. Acusava-se Eça de estrangeirado, de antiportuguês, de difamador de sua terra e de sua gente. O brio lusitano sentiu-se tocado com os insultos do “filho desnaturado” e “traidor”. É claro que tôda aquele sociedade baixa, tôrpe, desmoralizada, que foi tão realisticamente fotografada, precisava defender-se das graves, vivas e indestrutíveis acusações. Mas defender-se como, se a verdade era inegável, se a sua miséria não podia de maneira nenhuma ser mascarada? De um modo apenas: difamando Eça, acusando o acusador. Velho

recurso que sempre obtém algum sucesso, principalmente onde há muitos basbaques que se deixam iludir facilmente com a retórica fácil dos demagogos. Assim a glória de Eça por muitos anos tem suportado os ataques boçais da Reação. No entanto, como é inatingível a sua obra, maravilha de harmonia e observação, primorosa de estilo e transbordante de sentimento, à medida que os anos passam, mais resplandece a Verdade com o seu corpo de cristal, iluminado de sol.

Como não podia deixar de ser, o chauvinismo português, que enlameava Eça em sua pátria, nada conseguiu obter no Brasil que não podia partilhar daquele amargo rancor contra o mais fino artista da língua portuguêsã — que é também a nossa língua. Então passaram a dizer muito contristados os “nacionalistas” lusitanos que o fremente amor dos leitores brasileiros a Eça de Queiroz era oriundo apenas de sua má vontade contra Portugal. Desta maneira, conforme

êsses intrigantes, os brasileiros lêem Eça, ainda atualmente, não para se deliciarem (esta é que é a verdade, pois ler Eça é uma delícia perturbadora, um epicurismo espiritual) e, sim, para se rirem dos portugêses, ridicularizados por Eça, que não passou de um satirizador dos costumes portugêses, de um detrator das virtudes portugêsas, de um caluniador das terras de Portugal !

Ora, o “culto literário” existe em tôdas as partes do mundo em que se possa encontrar uma sociedade educada e culta. Dêste modo, Shakespeare teve, em todos os tempos, e tem ainda hoje, uma legião de estudiosos, de técnicos e de apaixonados, não apenas na Inglaterra, mas em todo o universo. Ainda há pouco tempo, no Rio de Janeiro, shakespeareianos competentes fizeram o julgamento de *Hamlet*. O mesmo acontecia na Alemanha, antes do nazismo, com relação a Goethe. A França, cuja sociedade é extraordinariamente culta e ami-

ga da literatura, tem tido os mais diversos cultos: Vitor Hugo, Stendhal, Balzac e Proust. No Brasil, sofríamos, no fim do século XIX, êste “complexo de inferioridade”: a inexistência de um grande escritor que conseguisse entusiasmar o público e, de igual modo, resistir a um confronto com os maiores escritores da época, de outras literaturas. Qual dos nossos escritores podia suportar um coitejo com os maravilhosos estilistas, argutos psicólogos e finos artistas que, na ocasião, dominavam, como Flaubert, Zola, Maupassant e Daudet, e ao mesmo tempo ser popular? Nenhum, sem dúvida, pois o extraordinário Machado de Assis, com o seu amargo desencanto e a sua sutileza requintada, só muito mais tarde seria compreendido, e Alencar servia apenas para uso interno. Apareceu, então, Eça de Queiroz, alma ensolarada, meridional, crítico de costumes, criador de tipos, trazendo nas mãos jovens o facho das idéias Novas, e usando o idio-

ma com um senso estético até àquela época ignorado. Eça de Queiroz ficou sendo logo para os brasileiros um patrimônio comum, como patrimônio comum é o idioma português. A crítica de Eça de Queiroz ao passadismo bolorento foi lida com interesse e os seus personagens “respeitáveis” e burlescos fizeram um grande sucesso, não porque êles fôsem “portuguêses” e sim porque eram reais e quotidianos. Tão reais e quotidianos que eram conhecidos e reconhecidos no Brasil; faziam parte da nossa vida social e política. Apontavam-nos como a representação de duas sociedades semelhantes, sofrendo dos mesmos erros, dos mesmos defeitos. Os brasileiros não podiam rir dos portuguêses ao observarem os personagens de Eça de Queiroz, pois êsses personagens também existiam no Brasil. E talvez até em número bem maior. Muitos dos nossos ministros podiam ser perfeitamente comparados com o Conde de Abranhos e com o Gouvarinho, e ainda

atualmente, os nossos institutos históricos, geográficos, genealógicos, numismáticos e vagamente filatélicos, estão cheios de Conselheiros Acácios que dizem frases muito sensatas e escrevem relatórios muito profundos ! . . . Os nossos meios jornalísticos, descritos tantos anos depois de Eça por Lima Barreto, no *Isaias Caminha*, não diferem em nada dos que foram apresentados por Eça em *A Capital*. Façamos um confronto entre os tipos de Eça, português, e os de Lima Barreto, brasileiro, e mais moderno, e veremos que a decadência moral era própria dos dois países. Eça encantou mais o público brasileiro do que Lima Barreto, porque possuiu um estilo superior, uma técnica mais perfeita. O autor de *O triste fim de Policarpo Quaresma* era talentosíssimo, indubitavelmente, mas sofreu os defeitos do autodidatismo e os prejuízos de uma vida irregular.

O jacobinismo, em nossa vida literária, floresceu apenas em determinada

época, e embora condenável, teve algumas vêzes a sua justificação. Foi êsse o período em que alguns portuguezes e brasileiros, sabidíssimos, resolveram fazer da “amizade luso-brasileira” um ótimo negócio, estimulado pela vaidade dos comendadores filantrópicos. As embaixadas culturais portuguezas, que vinham ao Brasil, traziam apenas fósseis académicos e oradores rouxinolcos, e nós chegamos a mandar a Lisboa essa incrível D. Iveta Ribeiro, como expoente cultural da Mulher Brasileira! Mas essa época passou, felizmente, com melhores contactos, e o jacobinismo literário perdeu a sua única sedução, que era acusar as gafes que o Brasil e Portugal cometiam igualmente. Atualmente *As razões da Inconfidência* passaram da moda, são um anacronismo, e não têm sentido nenhum, como nenhum sentido tem falar mal dos portuguezes. Dos portuguezes só podemos falar bem, e por todos nós, brasileiros, está falando o maior dos nossos

sociólogos, Gilberto Freyre, em livro de valor como *O mundo que o português criou* e *Uma cultura ameaçada: a luso-brasileira*. Enquanto Eça de Queiroz continua sendo um escritor do agrado de todos os brasileiros, ninguém mais lê os panfletos de Antônio Tôrres — o maior dos nossos panfletários — nem o volume de Gondim da Fonseca que preferiu dedicar-se à tradução da poesia inglesa, o que aliás faz maravilhosamente. Portanto, a acusação de que lemos Eça para rir de Portugal é uma tolice que não acha nenhum fundamento. Se quiséssemos ler livros “contra Portugal”, iríamos às livrarias comprar livros “contra Portugal”. Mas a verdade é que os livros “contra Portugal” não mais existem; por falta de compradores, desapareceram das livrarias. E hoje um livro de Antônio Tôrres é uma raridade bibliográfica; e do terrível livro de Gondim da Fonseca ninguém se lembra do nome, nem eu. Entretanto nós brasileiros, te-

mos persistentemente lido os bons livros de Portugal, tão bem os antigos como os modernos, o que os editores portugueses podem testemunhar. E Eça de Queiroz continua a ser uma das nossas maiores afeições. Os nossos críticos mais competentes têm-lhe dedicado livros, ensaios, conferências que são provas de comovida admiração não só a Eça, mas à cultura portugêsa. Álvaro Lins, Viana Moog, Clóvis Ramallete, Miguel Melo, J. de Araújo Jorge, e tantos outros escritores do Brasil, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, têm escrito dezenas, centenas de trabalhos sôbre Eça, exaltando a sua obra e a sua pátria, reconhecidos amigos de Portugal que são. Deito pois a última pá de cal sôbre essa malévola suposição que nós brasileiros só podemos receber como uma ofensa — uma ofensa contra a intelligência e a caráter do público brasileiro.

Nos dois capítulos que se seguem analisarei o lusitanismo de Eça de Quei-

roz. No primeiro, a visão que Eça de Queiroz teve da sua terra e da sua gente. No segundo, a sua ação como homem, escritor e patriota.

## PORTUGAL NA OBRA DE EÇA DE QUEIROZ

Referem-se constantemente os ignaros ao estrangeiramento, à falta de lusitanidade da obra de Eça de Queiroz. Porém, em que escritor português antigo ou moderno podemos nós encontrar maior glorificador da terra e do homem de Portugal, mais comovido enaltecendor dos valores vivos e eternos da velha Lusitânia do que em Eça de Queiroz ? Respeitando embora os nomes dêsses escritores illustres, sou forçado a notar que Alexandre Herculano apenas deixou uma obra terrivelmente anacrônica, encerrada no pior sentido de classicismo, e que

o genialesco Camilo ficou limitado em demasia pela moda do romanticismo descabelado e pelo purismo fanático. Garrett e Júlio Diniz, de estilos mais arejados, poderiam ter feito trabalhos melhores, se não tivessem da literatura uma concepção puramente romântica e, portanto, ingênua. O grande papel de Eça de Queiroz na ficção portuguesa foi duplamente valioso, como romancista e como estilista, no aspecto da língua e no terreno da técnica, na forma e no conteúdo. Foi Eça de Queiroz o primeiro prosador português que teve a concepção de um estilo com verdadeiro senso estético. A elaboração da frase desligou-se, então, das velhas regras rançosas para atender aos princípios do bom gosto e da psicologia. Quanto à parte técnica, o próprio Eça enviadecido, muitas vezes se referiu aos seus “processos”, à sua “maneira”. Não pretendo, porém, analisar neste trabalho o valor renovador de Eça na ficção portu-

guêsa, e, sim, o seu nacionalismo, o seu sentimento da Pátria, o seu aproveitamento de material lusitano humano ou geográfico, o que havia de lusíada em sua personalidade acusada tantas vêzes de estrangeirada. Na minha opinião, foi Eça de Queiroz um intelectual português típico do século XIX, integralmente lusitano, tanto nas suas virtudes como nos seus defeitos. Penso que êle mesmo reconheceu isto. Tanto assim que se retratou visivelmente no Gonçalo Mendes Ramires, e terminou *A illustre casa de Ramires* sugerindo que Gonçalo era um símbolo de Portugal . . . Tôdas as características do homem português são bem evidentes em Eça de Queiroz, que escreveu certa vez, com um pouco de ironia, é verdade, não passar de “um pobre homem de Póvoa de Varzim”. Reconheceu o seu francesismo, condenou-o, mas explicou também que o francesismo era próprio de Portugal inteiro . . . Ninguém, portanto, podia atirar-lhe a primeira

pedra. Êle impregnara-se de francesismo em Portugal mesmo: na província, em Lisboa, em Coimbra. As influências francesas em Eça de Queiroz não o desnacionalizaram, assim como nós brasileiros, apesar de têmos sido, até há pouco tempo, intelectualmente influenciados pela França, nunca deixamos de ser nacionais. Mário de Andrade, figura revolucionária das nossas letras, nos seus últimos dias confessou que a influência da cultura francesa ainda era a melhor para o Brasil, porque não é desnacionalizadora e ajuda sem prejudicar. O lusitanismo de Eça, apesar do reconhecimento da influência gaulesa, é defendido pelo crítico Álvaro Lins da seguinte maneira: “Antes de tudo Eça permaneceu sempre pelo seu aspecto humano um português e permaneceria até contra a sua vontade pelos efeitos inevitáveis, influências naturais, as da terra e as da raça, sobretudo.

“Artisticamente também haveria de ser fiel ao aspecto humano da sua individualidade portugêsa. O revestimento artístico — a cultura com que completou as tendências do temperamento — isto sim é que se fez pelas influências dos estudos, dos livros, das viagens. O que chama a atenção em Eça é o oposto da visão aparente, é que tenha permanecido português no meio de influências tão fortes e tão demoradas, sempre fora de sua terra”.

O bom humor meridional de Eça de Queiroz, o seu gosto pelo chalacear bem lusitano — tantas vêzes confundido com a sua tão falada “ironia gaulesa” — o seu sentimentalismo, o seu romantismo devaneador unido ao senso prático, ao terra-a-terra, à observação realista, são qualidades bem portugêsas de Eça de Queiroz. Escreve muito bem Gilberto Freyre que o que mais caracteriza o português é a “paixão da aventura ligada ao senso de rotina” que faz tão bem o

português ir descobrir uma ilha como administrar um empório. Eça foi bem caracteristicamente português neste aspecto. Sonhador, audacioso, idealista, iniciou o movimento realista em Portugal, afrontando o bom senso nacional. Entretanto, isso não impediu que cuidasse muito bem da sua vida econômica, que procurasse fazer render a sua literatura, numa época em que a literatura não rendia nada. Escrevendo livros, num país de alta porcentagem de iletrados, Eça foi um sonhador. Procurando fazer render as suas obras, Eça demonstrou-se um homem prático, sensato. Realizou bem, pois, o tipo do português descrito por Gilberto Freyre. Na sua obra estão harmoniosamente entrelaçados a exuberância de imaginação e a observação sagaz, o sentimento romântico e a fatura realista, “a paixão da aventura e o senso da rotina”. Portanto, é tôla, em absoluto, a pergunta daquele concurso promovido no Rio por uma associação portuguesa:

“Foi Eça de Queiroz um escritor romântico ou realista ?” Eça não foi totalmente nem uma coisa nem outra, porque retirou de ambas as escolas o aproveitável, sem se escravizar a nenhuma. Eça de Queiroz foi um temperamento romântico com um programa realista.

Como poderia ser Eça de Queiroz um romancista estrangeirado se todos os seus romances foram baseados em assuntos portugêses, com a descrição, na sua maior parte, da terra portugêsa, de tipos portugêses e de problemas portugêses, tudo visto de um ângulo portugês ? Todos os seus romances têm a base dos enredos em Portugal. As outras terras aparecem acidentalmente em viagens de personagens portugêsas, e sempre diminuídas se as compararmos com Portugal. Eça de Queiroz só mostrou Paris, a ultra-civilizada Paris — para elogiar a aldeola de Tormes ! A China surge mui bela com as suas paisagens — mas muito perigosa com epidemias e bandolei-

ros... Jerusalém surge em *A Relíquia* muito suja, cheia de mendigos e fedendo. Em sua correspondência, contou-nos que achou Nova York “uma cidade cheia de ladrões” e os Estados Unidos com muito progresso mas sem civilização. Para êle, Havana não passava de “um charco de suor”, “um paliteiro de palmeiras”... Da Inglaterra e do espírito inglês sempre disse cousas tremendas e, no fim da sua vida, o caso Dreyfus e outros escândalos tinham-no desencantado da França, que já não lhe parecia a nobre nação defensora dos oprimidos, como tanto pensara na sua mocidade ! Chegamos portanto à conclusão de que Eça de Queiroz não diminuía Portugal... elogiando o estrangeiro.

Os assuntos dos seus romances são eminentemente portuguezes como demonstrarei adiante: *O crime do Padre Amaro* trata da dissolução do clero portuguez e de sua perniciosa influência numa cidade provinciana; *O primo Basílio*,

dos perigos da educação superficial e romanesca da burguesia lisboeta; *A Relíquia* explora o tema da deformação do catolicismo português, transformado em beatismo, hipocrisia e inumanidade; *Os Maias* exibem-nos a vida da alta-roda lisboeta; *A Capital*, a baixeza dos meios jornalísticos e literários da metrópole. *A illustre casa de Ramires* é uma visão amena das pequenas cidades provincianas, aldeias e casais de Portugal, com seus fidalgos decadentes e sua boa gente; *A Cidade e as Serras* não passa de uma glorificação da vida campesina apresentando o exemplo português: cenário e figuras lusitanos. *O Conde de Abranhos* mostra os políticos portugueses da época, e *Alves & Cia.* é um pequeno quadro da pequena burguesia da Capital. O próprio *Mandarim*, que é uma fábula de sentido universal, tem como protagonista um português. Como pôde ser assim tão estrangeirado o escritor Eça de Queiroz, se todos os seus livros foram baseados,

documentados e inspirados em Portugal, sentidos lusitanamente, e escritos em língua portugûesa para o público portugûês ! . . .

Eça de Queiroz trabalhou quase exclusivamente com material lusitano, e se não fôsse a sua contínua busca nas fontes portugûesas, ter-se-ia esterilizado. Suas inúmeras viagens a Portugal não eram ditadas sòmente pela saudade de cônsul, mas também pela necessidade do artista de fortificar-se com a seiva do país natal, para poder continuar produzindo com inspiração e senso da verdade. Êste trecho de uma carta a Ramalho Ortigão, escrita na Inglaterra, explica inteiramente o seu portuguesismo literário, a sua precisão absoluta do torrão natal, do convívio com a sua gente, para a criação de sua obra de arte:

“Eu trabalho nas *Cenas Portugûesas*, mas sob a influêcia do desalento. Convenci-me de que um artista não pode trabalhar longe do meio em que está a

sua matéria artística: Balzac (si licitus est... etc.) não poderia escrever a *Comédia Humana* em Manchester e Zola não lograria fazer uma linha dos *Rougon* em Cardiff. Eu não posso pintar Portugal em Newcastle. Para escrever qualquer página, qualquer linha, tenho de fazer dois violentos esforços: desprender-me inteiramente da impressão que me dá a sociedade que me cerca e evocar, por um retesamento da reminiscência, a sociedade que está longe. Isto faz que os meus personagens sejam cada vez menos portugêses — sem por isso serem mais ingleses: começam a ser convencionais; vão-se tornando “uma maneira”. Longe do grande solo d’observação, em lugar de passar para os livros, pelos meios experimentais, um perfeito resumo social, vou descrevendo por processo puramente literário e *a priori* uma sociedade de convenção talhada de memória. De modo que estou nesta crise intelectual: ou tenho de me

recolher ao meio onde posso produzir, por processo experimental — isto é, ir para Portugal — ou tenho de me entregar à literatura puramente fantástica e humorística.”

E que eram essas *Cenas Portuguezas* a que Eça de Queiroz se refere? menos que o plano da *Comédia Humana*, de Balzac, que fixou toda a França, para ser aproveitado em Portugal. Talvez com traços mais ligeiros, com intenções mais críticas, mas de qualquer maneira um painel extraordinário que gravaria para a electricidade do século XIX em Portugal. Embora o plano das *Cenas Portuguezas* fôsse abandonado, encontraram-se, alguns anos depois da morte de Eça, vários volumes que faziam parte do majestoso projeto, e a obra do iniciador do realismo em Portugal, em seu conjunto, não deixa de ser uma notável coleção de “Cenas portuguezas” em que foram fotografadas: aristocracia, bur-

guesia, pequena burguesia e as classes pobres de Portugal.

Interessante é notar que os personagens estrangeiros de Eça — Topsius, Steinbroken ou Mary — são fixados apenas nas suas exterioridades, caricaturalmente. Não são desnudados, mostrados espiritualmente. Sente-se que Eça não os compreendia. Êles não eram portugueses — e a sua psicologia escapava-lhe. Toda a sua compreensão dedicava-a aos portugueses. Até os mais ridículos e perniciosos dos seus tipos lusitanos como o Conselheiro Acácio, o Pacheco e o Conde de Abranhos, foram pintados com uma certa simpatia indisfarçável — porque pertenciam à sua raça. Excluindo a criada Juliana, uma vítima da sociedade, uma revoltada, não há personagens perversos ou malignos na obra de Eça de Queiroz. O nazismo veio depois. . . Os seus piores bonecos não passam de bonacheirões irresponsáveis.

Num belo artigo, intitulado *Eça de Queiroz, propagandista de Portugal*, Galeão Coutinho, negando o antilusitanismo atribuído a Eça, escreveu: “Em cousa alguma Eça de Queiroz concorre para desacreditar Portugal em nosso país, antes pelo contrário é fácil provar que todos nós, de meio século a esta parte, se temos mantido pela terra e pela gente portugêsa um grande carinho, a Eça de Queiroz é que o devemos, a mais ninguém. A sedução da prosa queiroziana, a maneira como conseguiu espiritualizar a paisagem, suprender o sentido do pitoresco, o imenso dom da simpatia humana que o coloca ao lado de um Dickens, de um Alphonse Daudet, ou mesmo de um Balzac, tudo isso constituindo as características dominantes da sua arte, longe de torná-lo um difamador, torna-o o mais autorizado propagandista da terra e da gente portugêsa, já não diremos só no Brasil, mas ainda entre os estrangeiros que o conheçam através de traduções”.

Essa “espiritualização da paisagem portuguesa” na obra de Eça de Queiroz foi muito bem observada pelo romancista de *Vovô Morungaba*. É um êrro pensar que apenas em *A Cidade e as Serras* Eça louvou a paisagem portuguesa. Em todos os seus romances a paisagem portuguesa é descrita com igual deslumbramento e comoção. E não apenas a paisagem: todo o ambiente português. No primeiro dos seus grandes romances, *O crime do Padre Amaro*, já Eça não perdeu oportunidade para num ou noutro trecho deixar uma aquarela fina ou mancha risonha... Os arredores de Leiria nesse livro, e tantas e tantas visões de Portugal em todos os livros de Eça, enchem-nos de curiosidade e ternura por Portugal, e fazem-nos pensar que Eça foi bem mais um enaltecedor do que um difamador... Segundo Galeão Coutinho, êsse glorificador da paisagem portuguesa conseguia até fazer propaganda turística, informação que por certo muito agradou aos Es-

critórios de Propaganda do Sr. Oliveira Salazar. Leiamos, a propósito, Galeão: “Todos nós, brasileiros, ao descer em Lisboa, levamos uma espécie de roteiro sentimental e intelectual traçado em nosso espírito por Eça de Queiroz. Interessamos o Chiado? Sim, porque o Chiado aparece nos romances de Eça de Queiroz. Interessamos a “Havanesa”? Sem dúvida porque muitos dos personagens de Eça e o próprio Eça, aí faziam ponto de palestra. Assim, o Dáfundo, o Martinho, o Leão de Ouro, ainda vivem em nossa imaginação, quarenta anos depois da morte de Eça.”

Falam com calor amigos de lendas que *A Cidade e as Serras*, em que Eça descreveu longa e eloqüentemente a natureza lusitana, é um livro de conversão, de arrependimento. Tal afirmativa é frívola, pois, como expus acima, todos os livros de Eça, sem exceção, enaltecem a paisagem lusa. Portanto, Eça não podia arrepender-se de cousa nenhuma,

pois jamais tinha diminuído as terras de Portugal. Apenas desmascarara patriòticamente os seus tipos mais nefastos. Não podia converter-se, porque a sua maneira de ver e sentir a paisagem do seu país natal foi sempre a mesma, imutável, tanto no *Crime do Padre Amaro* como em *A Cidade e as Serras*. E pode-se mesmo afirmar que, mais do que neste último romance, foram os aspectos naturais de Portugal louvados em *A illustre casa de Ramires*, embora os patrioteiros se esforcem por não o constatar. Além de ser *A Cidade e as Serras* um romance inferior a qualquer dos grandes romances de Eça, como muito bem comentaram Álvaro Lins e Clóvis Ramalhete, essa obra póstuma, espichamento de uma novela, não representa de modo nenhum um louvor particular à vida rural portugêsa, e sim à vida rural de qualquer país, de qualquer parte do mundo. *A Cidade e as Serras* poderia ter sido escrito por um francês, inglês ou espanhol, que

o romance não teria perdido nada do seu sentido. A vida rural, na sua generalidade, teria ficado louvada da mesma maneira enquanto que *A illustre casa de Ramires*, tão embelezado pela pintura das paisagens portugûesas, e tão transbordante de sentimento portugûês, só podia ter sido escrito por um portugûês. Ou melhor: por Eça de Queiroz.

## O PATRIOTISMO DE EÇA DE QUEIROZ

Como aconteceu com os melhores espíritos de sua geração, e mesmo da geração que se lhe seguiu, a posição de Eça de Queiroz, na literatura portugueza foi extritamente revolucionária, quer quanto à parte literária, quer quanto à parte social. Impossível dar uma idéia da personalidade de Eça e de seus companheiros, e de suas atitudes, sem uma exposição anterior da sociedade portugueza daquele tempo, que se encontrava em estado patente de decomposição. As causas da decadência portugueza, segundo Antero de Quental, em sua

famosa conferência, foram três: o catolicismo resultante do Concílio de Trento, o absolutismo manárquico e o desdobramento irracional das conquistas. Não as discuto. Apenas, do exame da literatura portugêsa da época, faço notar que Portugal, nos fins do século XIX, era um país dominado pelo espírito jesuítico restringidor; sem prosperidade de nenhuma espécie; atrasado em todos os ramos da ciência; nação onde uma sociedade carola, ignara e imoral, dominava com empáfia um pobre povo cheio de virtudes, mas cego pela ignorância e pelo respeito às velhas tradições. A indústria era escassa; a agricultura sem nenhum progresso; os políticos eram bacharéis cheios de verbosidade, em vez de serem técnicos produtivos; as finanças andavam de rastros; a Universidade de Coimbra era dominada pela “sebenta”, e o exército, uma inutilidade cara. Porém nem tudo estava perdido... A nova geração, ardente e estu-

diosa, reclamava a revolução nacional. E como para criar um mundo novo tornava-se preciso derrubar o antigo, os moços puseram mãos à obra. E surgiu então a questão do “Bom Senso e do Bom Gôsto”, que significou muito mais do que uma polêmica literária, pois preludei todo o movimento revolucionário que viria depois. Surgiram demolidoras e reformadoras as Conferências Democráticas do Casino e *As Farpas*. Os patrioteiros madraços, que viviam à custa dos cofres públicos, escudados em alguns decassílabos de Camões, não tiveram mais sossêgo: Ramalho Ortigão e Eça, nas *Farpas*, expunham-nos às gargalhadas de tôda a Nação. Oliveira Martins, consultando documentos, fazendo comparações, demonstrava o descabro. Antero, êsse santo à procura de Deus, vergastava os bem-pensantes acomodaticios. Viriam depois Fialho de Almeida lançar vitríolo sôbre a sociedade caquética, e a voz poderosa de Guerra Junqueiro ar-

remessar sôbre o clero materialista e dissoluto versos hugoanos onde perpassa a cólera sagrada dos antigos profetas. Não foi usado apenas o sarcasmo nesses tempos de luta e desvairamento. Era preciso destruir, sem dúvida, mas também urgentemente ensinar a construir. E tanto *As Farpas* como as Conferências Democráticas do Casino não só expunham a doença, mas também receitavam o remédio. As alegres *Farpas*, que ainda hoje vivem pela excelência do seu estilo e do seu bom humor, davam lições aos portugêses, dos assuntos mais transcendentais aos mais domésticos. Recomendavam os livros que se deviam ler, as roupas que se deviam usar, os pitéus que se deviam comer. A geração de Eça não foi, portanto, apenas crítica e literária. Teve também altos fins patrióticos e morais, e mesmo preocupações culturais e didáticas.

Eça de' Queiroz ridicularizou, em tôda a sua obra, os tipos mais represen-

tativos dessa sociedade decrepita: o Conde de Abranhos e o Gouvarinho, políticos; o Palma Cavalão e o Melchior, o jornalismo sórdido de *chantage*; a notável coleção de padres de Leiria, o clero desmoralizado, esquecido de Deus e bestializado pelos apetites e pela ociosidade; o Conselheiro Acácio, a falsa cultura; Luísa, a má educação burguesa; a tia Patrocínio, o fanatismo religioso, e assim por diante. Tôda a obra de Eça de Queiroz tem a preocupação moral de expor as chagas sociais e ridicularizar os seus causadores, esclarecendo o povo numa ação verdadeira de patriotismo. O amor de Eça de Queiroz à sua terra não brotou em seu coração miraculosamente, nos seus últimos anos de vida, escrevendo a écloga de *A Cidade e as Serras*, como querem as boas almas românticas. O patriotismo de Eça foi provado desde o início de sua vida literária, quando tomou parte, em 1871, nas Conferências Democráticas do Casino, quan-

do, por algum tempo, ajudou a escrever *As Farpas*. Apaixonado de sua pátria, em 1873, — ainda bem moço, portanto, — no Consulado de Havana, sofreu enormes saudades de sua terra, conforme escreveu a Ramalho Ortigão, para quem remeteu as suas melhores cartas:

“O exílio importa a glorificação da pátria. Estar longe é um grande telescópio para as virtudes da terra onde se vestiu a primeira camisa. Assim eu, de Portugal, esqueci o mau — e constantemente penso nas belas estradas do Minho, nas aldeolas brancas e frias — e frias! — no bom vinho verde que eleva a alma, nos castanheiros cheios de pássaros, que se curvam e roçam por cima do alpendre do ferrador...”

Quando Eça escreveu esta carta ainda não publicara nenhum dos seus grandes romances, e, entretanto, já estava revelado nela todo o lirismo e doçura do comovido paisagista que havia

de escrever a pastoral *A Cidade e as Serras*.

O geógrafo Luiz Schwalbach explicou: “Eça de Queiroz foi acusado de amesquinhar o ambiente nacional físico e humano — mormente o último. Num ou noutro trecho de suas obras poderá ser registrada essa tendência, mas ela representará quase sempre (ou talvez sempre), os efeitos de animosidade de um instante sem constituir um sentimento profundo e duradouro. Êsses instantes de animosidade existiram de fato e provavelmente muitas vêzes, principalmente na mocidade, que não gosta de perdoar. Com o decorrer dos anos, Eça foi suavizando-se. Desencantado dos homens e das cousas, em vez de se enraivecêr com os acontecimentos, preferia distrair-se procurando alfarrábios clássicos nos sebos à beira do Sena... Mas nos seus primeiros anos de vida literária, observando o domínio pleno da estupidez, Eça estourava de raiva e só con-

seguia tranquilizar-se por meio da ironia, do sarcasmo. Após ler, nas *Farpas*, a descrição de uma sessão parlamentar que o revoltou, Eça escreveu furioso a Raimalho Ortigão: “Senti ao findar o volume um ódio atroz pela chata e vil porção de terra que uma grande imprudência da civilização permite que seja um país em lugar de uma pastagem”. No entanto, embora nos seus momentos de decepção, de desespero, chamasse Portugal de “choldra”, de “Portugalório” e até nomes piores, Eça dedicava a Portugal uma ternura comovente e — eterno sonhador! — vivia fazendo mil projetos que pudessem melhorar Portugal.

Dominou-o a idéia fixa de que o seu amigo Oliveira Martins poderia dar um novo rumo a Portugal. Escrevia-lhe cartas cheias de estímulo, com mil conselhos. Já era um nome nacional, quando idealizou a fundação da *Revista de*

*Portugal*, que se tornou o espelho da cultura lusitana, da época. Dedicou-se com entusiasmo a essa realização, prejudicando o seu trabalho artístico e esquecendo inimizades literárias, a fim de que nada maculasse êsse serviço patriótico. Queria que a *Revista de Portugal* fôsse uma glória para Portugal, sendo útil ao seu país. Mas o grande momento de angústia para o patriota Eça de Queiroz, o seu instante crucial, foi em janeiro de 1890, quando a Inglaterra enviou o brutal ultimátum a Portugal, intimando-o a retirar as suas tropas de possessões reconhecidamente portugêsas. Foi uma atitude típica da velha Inglaterra imperialista e vitoriana. Portugal estremeceu, chocou-se, irritou-se e quis responder com altivez. No entanto, que podia fazer aquêles pequeno país atrasado em todos os aspectos, quase falido, com uma esquadra de brinquedo, contra a poderosa Inglaterra, ciclòpicamente defendida pelos seus encouraça-

dos, pelo seu ouro, pelas suas bíblias e pelo seu *roast-beef* ?

Longe de Portugal, excitado, ansioso, Eça de Queiroz acompanhou a situação humilhante. Teve conhecimento do sentimento de revolta que inflamava tôda a Nação, e na *Revista de Portugal*, consciente de sua responsabilidade de escritor famoso, escreveu já esperançado:

“Belo e bom presságio se nos apresenta êste movimento. Mas, todavia, por ora, não há nêle senão os sintomas materiais da vida. É o respirar, o mover, o palpitar, o falar dum corpo que muitos julgavam morto, gelado, fácil de pisar, e talvez de retalhar. E resta saber agora em que séria e útil ocupação, em que fim de alto patriotismo, se vai empregar essa vida que tão inesperadamente o país em si surpreende, e que tão dispersamente manifesta na primeira e imensa alegria de sentir correr quente e forte nas veias ?”

Era o Bom Senso que estava falando pela voz de Eça de Queiroz, que preferia ação material, atividades ordenadas, a patrióticas históricas e inúteis.

Preocupado em indicar para o seu povo um programa para urgente realização, continuou o seu artigo como um bom professor de otimismo. Já não era o cético sarcasta que escrevia, e sim, o líder intelectual de uma Nação. Eis a transcrição:

“Pois bem ! Agora que todos se declaram despertados, e saltam para a arena, bradando de braços arregaçados, prontos para a faina, começa a empresa, única verdadeiramente patriótica, que é a de reconstruir a Pátria”.

Não davam, entretanto, essas linhas, uma ligeira idéia do drama interior de Eça. Viana Moog contou-nos que em *A Catástrofe*, aparecida vinte e cinco anos depois de sua morte, Eça revelou-nos “em tôda a sua extensão o que foi o drama dilacerante que se desenrolou

então nos mais íntimos recessos de sua consciência”. Estas linhas de Eça de Queiroz têm um acento profundamente dramático:

“Foi em Lisboa que soube, aos fragmentos, todos os detalhes da catástrofe: as esquadras inimigas no Tejo, a cidade sem água, porque o conduto do Alviela fôra cortado, a insurreição nas ruas e uma plebe alucinada, passando do abatimento ao furor, ora arrojando-se contra as Igrejas, ora pedindo armas, e juntando á confusão da derrota os horrores da demagogia !

“Dias amargos Todos os meus cabelos encaneceram.

“E pensar que durante anos nos podíamos ter preparado !

“E pensar que, à maneira da Inglaterra, podíamos ter criado corpo de voluntários, fazendo de cada cidadão um soldado e preparando assim, de antemão, um grande exército nacional de defesa, armado, equipado, enérgico e tendo re-

cebido no hábito da disciplina o orgulho da farda.

“Mas de que vale agora pensar no que se podia ter feito ! O nosso grande mal foi o abatimento, a inércia em que tinham caído as almas ! Houve ainda algum tempo em que se atribuiu todo o mal ao govêrno ! Acusação grotesca que ninguém hoje ousaria repetir .

“Os govêrnos ! Podiam ter criado, é certo, mais artilharia, mais ambulâncias; mas o que êles não podiam criar era uma alma enérgica ao país . Tínhamos caído numa indiferença, num cetismo imbecil, num desdém de tôda a idéia, numa repugnância de todo o esforço, numa anulação de tôda a vontade . . . Estávamos caquéticos ! O govêrno, a Constituição, a própria Carta tão escarnecida, deram-nos tudo o que nos podiam dar : uma liberdade ampla . Era ao abrigo dessa liberdade que a Pátria, a massa dos portuguezes tinha o dever de tornar o seu país próspero, vivo, forte,

digno da independência. O govêrno ! O país esperava dêle aquilo que devia tirar de si mesmo, pedindo ao govêrno que fizesse tudo o que lhe competia a êle mesmo fazer !... Queria que o govêrno lhe arroteasse as terras, que o govêrno criasse a sua indústria, que o govêrno escrevesse os seus livros, que o govêrno alimentasse os seus filhos, que o govêrno erguesse os seus edifícios, que o govêrno lhe desse a idéia do seu Deus !...”

Eça escreveu esta página com um forte sentimento de expiação, de auto-condenação. Foi o seu dandismo, o seu epicurismo, os aspectos mais superficiais da sua personalidade, que êle criticou sem pena nessa página de acusação geral. Depois de quadro tão negro, o idealismo o reconfortou de novo:

“Ah ! se nós tivéssemos sabido ! Mas sabemos agora ! Esta cidade, hoje, parece outra. Já não é aquela multidão abatida e fúnebre, apinhada no Rocio, nas vésperas da castástrofe. Hoje, vê-se

nas atitudes, nos modos, uma decisão. Cada olhar brilha num fogo contido, mas valente; e os peitos levantam-se como se verdadeiramente contivessem um coração! Já não se vê pela cidade aquela vadiagem tôrpe: cada um tem a ocupação dum alto dever a cumprir. As mulheres parecem ter sentido a sua responsabilidade, e são mães, porque têm o dever de preparar cidadãos. Agora, trabalhamos. Agora, lemos a nossa história, e as próprias fachadas das casas já não têm aquela feição estúpida de faces sem idéias, porque agora, por trás de cada vidraça se pressente uma família unida, organizando-se fortemente.”

O ardor patriótico chegou até a desvairar um pouco êsse homem comedido, sensato e — irônico.

Foi esta a sua grande fase patriótica. Colaborou então Eça na *Revista de Portugal* e escreveu o maravilhoso romance que é a *A illustre casa de Ramires*, uma visão dos sentimentos eternos

de Portugal, pois o que Eça louvava em Portugal era o que êle possuía de intemporal, de intangível. E por isso, na *Ilustre casa de Ramires* contrapôs à decadência portugêsa da sua época o esplendor do tempo antigo, em que Portugal era mais forte e feliz por viver mais junto da terra, mais ligado às suas raízes. Mas para o patriota Eça de Queiroz novos tempos viriam, em que a falsificação da vida desapareceria da sociedade portugêsa, e em que o povo portugês se levantaria, robusto e honesto, como nos velhos tempos, plantando os seus campos, navegando por todos os mares, erigendo as suas escolas, esplendente de saúde e luminoso de sabedoria.

Até agora tal sonho não se realizou. . . Mas outros tempos virão para a felicidade do povo portugês. Foi, animado por êste pensamento feliz, renunciando-os, que Eça terminou assim o mais formoso e pessoal dos seus romances:

“Os três amigos retomaram o caminho de Vila Clara. No céu branco, uma estrelinha tremeluzia sôbre Santa Maria de Craquêde. E Padre Soeiro, com o seu guarda-sol sob o braço, se recolheu à Torre vagarosamente, no silêncio e doçura da tarde, rezando as suas Ave-Marias, e pedindo a paz de Deus para Gonçalo, para todos os homens, para campos e casais adormecidos, e para tôda a terra formosa de Portugal, tão cheia de graça amorável, que sempre bendita fôsse entre as terras.”

JORNAL DO COMMERCIO — Rodrigues & Cia.  
Av. Rio Branco, 117 — Rio de Janeiro — 1947

# **EDIÇÕES DA C. E. B.**

## **CONFERÊNCIAS:**

### **Série Itamarati:**

- Política Cultural Pan-Americana** — Afonso Arinos de Melo Franco — 1941 — (esgot.).
- O Movimento Modernista** — Mario de Andrade — 1942 — (esgot.).
- Uma Interpretação da Literatura Brasileira** — Viana Moog — 1943 — Cr\$ 4,00.
- Atualidade de Euclides da Cunha** — Gilberto Freyre — 1943 — (2ª edição) — Cr\$ 4,00.
- La Crise des Sciences de l'Homme** — Pierre Monbeig — 1943 — Cr\$ 4,00.
- O Problema das Bibliotecas Brasileiras** — Rubens Borba de Moraes — 1943 — Cr\$ 4,00.
- Evocación de Rufino José Cuervo** — Eugenio Julio Iglesias — 1944 — Cr\$ 4,00.
- As Ciências Sociais e os Problemas de Após-Guerra** — Arthur Ramos — 1944 — Cr\$ 4,00.
- As Universidades no Mundo do Futuro** — Fernando de Azevedo — 1944 — Cr\$ 6,00.
- O Brasil em 2 044** — Roy Nash — 1944 — Cr\$ 5,00.

**Série Mauá:** (Ver página 4).

**Liv.-Editôra da Casa do Estudante do Brasil**

**AV. RIO BRANCO, 120 — loja 13**

(Galeria dos Empregados no Comércio)

**RIO DE JANEIRO**

**Preço dêste volume: Cr\$ 8,00**

